

GUARDA-ROUPA ENCANTADO: ESPETACULARIDADE DAS ROUPAS DE CABOCA DO TERREIRO ESTANDARTE DE REI SEBASTIÃO, OUTEIRO, PARÁ*

WARDROBE CHARMED: SPECTACULAR YARD OF
THE CABOCA CLOTHING SEBASTIÃO KING BAN-
NER, OUTEIRO, PARÁ

Otávia Feio Castro¹

RESUMO: Além de contribuir para os estudos Etnocenológicos na Amazônia, acredito que esta pesquisa contribui para que nós Figurinistas escutemos o chamado da Etnocologia, o de estar junto com o fenômeno,

o de ir e viver como espectador o contexto de uso das roupas, para não incorrer em desrespeitos ao sagrado. Partindo de costuras afetuais entre trajeto e objeto – em andamento no Ppgartes da UFPA – estudo a espetacularidade das roupas das entidades Herondina e Maria Légua, do panteão da religião afro-brasileira Tambor de Mina. Utilizadas pela mãe-de-santo e zeladora do Terreiro Estandarte de Rei Sebastião – localizado na Ilha de Outeiro, no Pará – nos dias das festas para essas entidades denominadas Cabocas, as roupas contribuem para a espetacularidade, pois há toda uma organização prévia, inclusive em relação a escolha do que vestir nesses dias especiais para os que estão dando passagem às suas entidades.

Palavras-chave: Roupas de Caboca. Espetacularidade. Tambor de Mina. Etnocologia.

* Comunicação apresentada no I Encontro Nacional de Etnocologia, de 12 a 15 de abril de 2016, Salvador-Bahia.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, com bolsa CAPES. Discente do Curso Técnico em Cenografia da Escola de Teatro e Dança da UFPA. Participante do grupo de pesquisa TAMBOR - Grupo de Pesquisa em Carnaval e Etnocologia, da UFPA. Figurinista formada na ET-DUFPA. Universidade Federal do Pará. otavia.feio@gmail.com

ABSTRACT: Besides contributing to the Etnocenológicas studies in the Amazon, I believe that this research contributes to us Costume Designers listen to the call of Etnocenologia, the living with the phenomenon, to go and live as a spectator the context of use of the clothes, not to incur in disrespect to the sacred. Starting from afetuais seams between path and object - in progress in Ppgartes UFPA - studying the spectacle of the clothes of Herondina entities and Maria Légua, the pantheon of african-Brazilian religion Drum of Mine. Used by the mother-of-saint and caretaker yard Banner King Sebastian - located in Outeiro Island, in Pará - in the days of holidays for these entities called Cabocas, clothes contribute to the spectacular because there is a whole prior organization, including regarding the choice of what to wear these special days for those who are giving way to their bodies.

Keywords: Caboca Clothes. Spectacular. Drum of Mine. Etnocenologia.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultante e também ampliação da Comunicação apresentada no dia 14 de abril de 2016 – durante o I Encontro Nacional de Etnocenologia: o Estado da Arte – na mesa Etnocenologia: Espetacularidade dos Objetos Cênicos, coordenada pelo Professor Lindolfo do Amaral.

A comunicação e agora o presente artigo são desdobramentos da pesquisa em fase de finalização no Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, a qual objetivou compreender a espetacularidade das roupas utilizadas pela mãe-de-santo e zeladora do Terreiro Estandarte de Rei Sebastião, localizado na Ilha de Outeiro em Belém do Pará. Neste terreiro de Tambor de Mina, as roupas em questão são utilizadas nos rituais públicos, nos dias em que se realizam festas para as entidades Herondina e Maria Légua, as quais são respectivamente Chefa e Contra-chefa da mãe-de-santo Mariinha de Jesus Costa Feio, que é minha Tia.

O Tambor de Mina é uma religião de matriz africana que teve seu desenvolvimento no Maranhão, através dos negros que foram trazidos ao Brasil para serem escravizados no século XIX. A Mina “tem na incorporação uma forma sensível de co-

municação com o sobrenatural e, no contato direto entre filho e pai ou mãe-de-santo [...]” (FERRETTI, 1985, p. 37). E chega em terras paraenses através de fluxos migratórios – tanto de vinda quanto de ida – conforme Luca (2010), os religiosos maranhenses vêm para Belém atraídos pela economia gomífera, assim como, entre as décadas 70 e 80 do século XX, alguns religiosos paraenses foram até o Maranhão, em busca de iniciação na religião.

No entanto, é importante frisar que embora tenha ocorrido esse fluxo entre os estados, a Mina paraense e a Mina maranhense se aproximam e se distanciam, assim como os Terreiros de Mina da cidade de Belém que não são homogêneos, o que me leva na condição de pesquisadora atentar o leitor para o fato de que o discorrido aqui pertence a realidade vivenciada junto ao Terreiro Estandarte de Rei Sebastião, o que não quer dizer que seja a mesma realidade que possa vir a ser encontrada nos demais Terreiros de Mina de Outeiro ou de Belém.

Ainda de acordo com Luca (2010, p. 66) o que é comum a todas as Casas “é a presença das mesmas categorias de entidades. O panteão cultuado é construído a partir de um imaginário comum perpassado por um elemento chave que é a mestiçagem”. Para esta pesquisa, se incorpora a divisão por ela apresentada do panteão mineiro paraense, dividido em duas categorias: Divindades e Encantados, estas categorias também se dividem: Divindades são os Voduns (associados a ancestrais negros) e os Orixás (representam as forças da natureza, antigos reis ou heróis divinizados), e os Encantados são os Nobres Gentis Nagôs ou Senhores de Toalha (correspondem à nobreza europeia) e Cabocos (entidades mestiças de várias nacionalidades). Encantados são – na maioria – descritos “como seres (pessoas, bichos) que tiveram vida, mas que não passaram pela experiência da morte [...]” e habitam as Encantarias localizadas “em lugares geográficos específicos, como matas, rios, praias, formações rochosas” (LUCA, 2010, p. 67)

Por esta pesquisa estar assentada na Etnocenologia, procurei na medida do possível usar o dialeto ouvido nas festas, como o caso da palavra Caboco, em que a grafia original é Caboclo, mas que os religiosos chamam de Caboco, por isso em vez de falar aqui de Roupas de Cabocla, estou falando em Roupas de Caboca.



Os Cabocos, subcategoria a qual pertencem Dona Herondina e Dona Maria Légua se organizam em famílias (codoenses, juremeiros, surrupiras, turcos e bandeirantes); é importante salientar que os Cabocos têm a mobilidade entre as famílias, Dona Herondina é geralmente associada à família dos turcos e Dona Maria Légua à família dos codoenses, o que pode se diferenciar de acordo com a versão dos religiosos.

Assim como os mineiros dão passagem a suas entidades nos momentos de transe, acredito que os que como eu escolhem falar – no universo acadêmico – sobre algo relacionado a essa prática religiosa, também estão dando passagem, só que nossa incorporação é através de nossa escrita (como este texto) e nas exposições orais (como foi o caso da Comunicação).

Portanto, é hora de dar passagem.

HORA DE DAR PASSAGEM

As relações de trajeto-afeto-objeto que me costuram à esta pesquisa são de ordem familiar e artística. Familiar tanto pelo fato de Mariinha ser minha tia, como familiar pelo fato de o Universo de estados alterados de consciência estar presente em minha vida desde meu primeiro dia da atual existência, pois apesar de não ser praticante da religião, convivi e convivo com muitas pessoas que carregam os seres invisíveis consigo e que ou em Terreiros ou em suas próprias casas dão passagem para estes. E a ordem artística se dá pelo fato de quando criança ter ganhado uma porção de miçangas que vieram do Terreiro que hoje é o local onde desenvolvo a pesquisa e foram essas miçangas que despertaram em mim a criação artística e me deram noção de cores e formas, e meu encontro com essas miçangas desembocam no que sou hoje, uma Figurinista que se inquietou quando viu e vestiu as roupas de Mariinha pela primeira vez.

As roupas desta pesquisa são utilizadas por Mariinha nos dias em que realiza festas para celebrar suas Cabocas. Assisti a duas festas no ano de 2015: em agosto se realizou a de Dona Herondina e em dezembro se realizou a de Dona Maria Légua. Para tanto, por opção pessoal não tirei fotos da mãe-de-santo incorporada, até porque em conversa informal ela já havia me dito que suas Cabocas geral-

mente não apareciam nas fotos, então por isso, por sugestão dela, as fotos com as roupas seriam feitas comigo as vestindo, pois segundo ela não haveria problema.

Optei para este artigo trazer apenas uma roupa, a que foi utilizada no dia 05 de dezembro de 2015. Esta mesma roupa já havia sido utilizada em festa anterior e foi utilizada novamente.



Fotografia 1: Roupas de Maria Légua
Fonte: acervo pessoal (2015).

Segundo Mariinha, a roupa de Maria Légua é sempre marrom e tem que ser de tecido leve, pois a Caboca não gosta de tecidos pesados e nem muitos acessórios como lenços e sandálias, geralmente usa um chapéu mais rústico, como este da imagem. No entanto, na festa em que tive a oportunidade de participar, Maria Légua não ficou por muito tempo com o chapéu, pois era bem agitada, andava apressada de um canto a outro do Salão de Bailar.

A roupa acima parecia ser do agrado de Maria, pois a leveza do tecido permitia que ela bailasse e andasse pelo salão em um ritmo acelerado. Talvez um tecido pesado dificultasse seu bailado.

Mas com esta roupa, podíamos embalados pelas doutrinas entoadas, acompanhar a Caboca, que comumente é associada à família dos Codoenses, os quais “representam a imagem do negro que vigora no Pensamento Social Brasileiro do século XIX” (LUCA, 2010, p. 70), e possuem forte ligação com gado, tanto é que as doutrinas desta família falam “de sela, do ato de laçar boi e outras atividades desse gênero” (idem).

Partindo do léxico proposto por Bião (2007, p. 44), espetacularidade seria quando o indivíduo tem a consciência mais clara do olhar do outro e para isso se organiza. No caso das festas de Mina, tudo é organizado pela mãe-de-santo e zeladora do Terreiro de maneira consciente: as cores da decoração (faixas e balões), as comidas e bebidas, assim como as oferendas feitas à entidade festejada naquele dia, e nesta organização incluo a roupa que será utilizada para receber a Caboca. A espetacularidade contribui para a manutenção viva da cultura, sendo inerente a cada uma “que a codifica e transmite” mantendo assim “uma espécie de respiração coletiva mais extraordinária, ainda que para parte das pessoas envolvidas possa se tratar de um hábito cotidiano”, nesse caso, o ambiente terreiro é algo cotidiano para os praticantes, ainda mais, quando estes moram ao lado do espaço, como é o caso da Mariinha. No entanto, não é cotidiano o uso das roupas que nem a da foto.

A feitura das roupas, conforme meu entendimento, atende ao Mito relacionado a determinada Caboca: sua forma de encanto, o que fazia antes de ter se Encantado, como se comporta quando está no corpo de seu filho, o que a mãe-de-santo conhece a respeito das entidades, pois só quem dá a passagem, ou seja, só o praticante, sabe o que pode agradar ou desagradar, como no caso, a ausência de acessórios por parte da Mãe nesse dia, a leveza do tecido, a discrição das rendas. Tudo previamente organizado.

Em situações do cotidiano, ou de teatralidade, quando não tem a noção tão clara a respeito do olhar do outro, Mariinha gosta de usar cores vibrantes, calças coladas, brincos, pulseiras e colares. Mas em dias de Festa se organiza tanto para os que com ela bailam, como para os visitantes não-praticantes, e para sua Caboca.

O encontro com essas roupas foi uma experi-

ência estética que me rasgou o cotidiano, por me instigar a mergulhar na Mina, com vistas a compreender o processo de criação daquelas roupas que me tocaram quando as toquei, pois enquanto experiência estética as roupas nos fazem experimentar “um inevitável colapso, isso porque o sujeito que éramos foi desacomodado daquele lugar que costumava habitar.” (PRECIOSA, 2007, p. 65).

Deste desassossego por querer compreender as roupas, tenho refletido sobre a importância da Etnocologia para o fazer daqueles que trabalham com roupas, em especial a nós Figurinistas, pois muitas vezes somos chamados a propor roupas religiosas para serem usadas em seu contexto efetivo como o Terreiro. Mas também somos chamados a propor figurinos que remetam à determinada religião para alguma cena teatral ou em âmbito audiovisual, neste caso a roupa de Caboca se transmuta em Figurino, e é importante se ter a noção de que a mãe-de-santo, que em situação cênica é personagem, é uma figura que é presente nas religiões de matriz africana e que estas não são homogêneas, assim como não é homogêneo as vestimentas no interior das próprias religiões, como já disse sobre o Tambor.

É bom que nós atentemos para essa série de particularidades que envolve um sistema religioso, por isso penso que o chamado da Etnocologia, o de ir e viver junto ao fenômeno é primordial para o processo artístico dos Figurinistas, tanto para seu aprendizado, quanto para ser o porta-voz de uma cultura, trazendo em seu trabalho, a sabedoria dos praticantes, com o intuito de preservação e manutenção de uma cultura, assim como respeito a ela, produzindo “formas e teorias capazes de desvelar a diversidade das práticas espetaculares contemporâneas, reconhecendo valores e a originalidade deles na produção do conhecimento simbólico” (SANTA BRÍGIDA, 2007, p. 199).

Penso então que unindo Etnocologia ao seu trabalho, o Figurinista pode pensar na existência de um Figurinista-Etnocológico, aquele que se deixa ir junto ao fenômeno, a fim de aprender e apreender com ele, pois a profissão do Figurinista se caracteriza pela “interdisciplinaridade, pelo cruzamento de muitas vozes” (ABRANTES, 2012, p. 79), e são essas muitas vozes que precisamos refletir em nosso trabalho, aliando responsabilidade



estética e ética junto às culturas que pesquisamos. A espetacularidade que encontro nas roupas de Caboca tem me ensinado a costurar essa Figurinista-Etnocenológica.

CONCLUSÃO

As vozes se calam, o som dos tambores cessa, as bebidas e cigarros findam, a casa volta para sua organização cotidiana, mas a roupa não é desfeita, fica ali guardada num simples baú de madeira, aliás, é uma caixa a qual batizei de Baú e que agora chamo de Guarda-Roupa Encantado. Os Cabocos desencostam e voltam para as suas moradas, deixando como testemunhas de suas passagens, aquelas roupas que vestiram seus filhos no momento em que esses estavam em transe.

A Mina tem me ensinado sobre possibilidades, pois o que é visto ou vestido em um Terreiro de Mina, pode não ser o mesmo do que é visto e vestido em uma mesma entidade de outro Terreiro de Mina. Então, o apresentado por mim tanto na Comunicação como neste Artigo, é uma particularidade de onde falo, do Terreiro Estandarte de Rei Sebastião, daquela Mãe que escolhe o que vestir, pois só ela sabe o que vai agradar ou não as suas Cabocas.

Eis que chega a hora do desencosteiro da figurinista que agora se reconhece como Figurinista-Etnocenológica.

Referências Bibliográficas

- ABRANTES, Samuel. Diário do figurinista: o traje de cena. In: VIANA, Fausto; MUNIZ, Rosane (Orgs.). *Diário de Pesquisadores: Traje de Cena*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012. p. 73-86.
- BIÃO, Armindo. Um léxico para a Etnocenologia: Proposta Preliminar. In: BIÃO, Armindo (Org.). *Anais do V Colóquio Internacional de Etnocenologia*. Salvador: Fast Design, 2007. p. 43-49.
- FERRETTI, Mundicarmo. *Mina, uma religião de origem africana*. São Luís: Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado – SIOGE, 1985.
- LUCA, Taissa Tavernard de. “*Tem branco na Guma*”: a nobreza europeia montou corte na encantaria mineira. 2010. 259f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.
- PRECIOSA, Rosane. *Produção estética: notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida*. 2. ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2007.
- SANTA BRIGIDA, Miguel. A Etnocenologia como desígnio de um novo caminho para a pesquisa acadêmica – ampliação do modo e do lugar de olhar a cena contemporânea. In: BIÃO, Armindo. *Anais do V Colóquio Internacional de Etnocenologia*. Salvador: Fast Design, 2007. p. 199-203.